

A TERMINOLOGIA DO *REGGAE*: UMA FACE DA REALIDADE LINGÜÍSTICA MARANHENSE

Georgiana Márcia Oliveira SANTOS ¹

RESUMO

A partir, inicialmente, das pesquisas empreendidas como auxiliar de pesquisa do Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão – ALiMA/Vertente *Reggae*, bem como das pesquisas realizadas como pós-graduanda, no Mestrado em Lingüística - UFC, para a produção da dissertação *Um estudo socioterminológico do movimento reggae ludovicense*, tem-se constatado que a importância do movimento *reggae* para a cultura, a economia, o turismo e o lazer maranhenses é manifesta também na terminologia específica, predominantemente oral, desenvolvida por esse movimento para revelar suas práticas socioculturais e profissionais. Assim, este trabalho objetiva, com base nos postulados teórico-metodológicos da Terminologia, Terminografia e da Socioterminologia, enfatizar a existência de uma terminologia regueira e, principalmente, a necessidade de sua sistemática organização — para fins de divulgação, registro, preservação, recuperação — num glossário que contemple a linguagem especializada dos vários segmentos regueiros (radioleiros, proprietários de casas, clubes e bares, produtores de festas e eventos, *dj*, apresentadores de programas de televisão e rádio, colecionadores, dançarinos, cantores) que constituem o que se está denominando atualmente, na capital maranhense, de indústria do *reggae*.

Palavras-chave

Terminologia, Terminografia, Socioterminologia, cultura, *reggae*.

INTRODUÇÃO

São Luís do Maranhão, tradicionalmente conhecida como *A Atenas Brasileira* é, no momento, mais popular e facilmente identificada, quer se queira, quer não, como *A Jamaica Brasileira* ou *A capital Brasileira do Reggae*, uma vez que desde 1970, aproximadamente, o *reggae* — movimento/ritmo musical genuíno dos “bairros de lata” jamaicanos — vem ganhando, em terras maranhenses, espaços, traços, objetivos e

¹ UFC, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas. Rua Tenente Amorim, Quadra 41, Casa 14, IV conjunto, COHAB. CEP: 65053-120. São Luís, Maranhão, Brasil. gsantos_23@yahoo.com.br/ geosantos_23@hotmail.com

finalidades peculiares, bem como vem construindo especificidades quanto à dança, à organização estrutural, à linguagem.

Corroborando a existência de tais especificidades, especialmente às que referem à linguagem, Albuquerque (1997, p. 151) declara que o *reggae* maranhense constitui-se num “mundo à parte, com gírias próprias, ‘pedra’ é um sucesso das pistas”.

Dessa forma, o movimento cultural *reggae*, no referido Estado, vem consolidando características próprias que lhe asseguram uma autenticidade maranhense e, conseqüentemente, tornam possível a compreensão de sua relevante importância para a economia, o turismo e o lazer no Estado, a ponto de, salvo controvérsias, estar incluído entre as manifestações culturais tanto representativas como plenas da maranhensidade, cujo notório reconhecimento dá-se em âmbito nacional e internacional.

Por se compreender que parte dessa autenticidade maranhense forjada pelo movimento *reggae* é, sem dúvida, manifesta na terminologia específica, predominantemente oral, desenvolvida por esse movimento para garantir a interação entre os pares e a organização de suas práticas socioculturais e profissionais (cf. SANTOS, 2005, 2006), pretende-se neste trabalho, a partir dos postulados teóricos da Terminologia, da Terminografia e da Socioterminologia, enfatizar a existência de uma terminologia regueira, em São Luís, que precisa ser sistematicamente organizada num glossário para fins de divulgação, registro, preservação e recuperação.

O REGGAE MARANHENSE: algumas particularidades

O *reggae* — gênero musical, ritmo, movimento surgido na Jamaica, ilha do Caribe, situada na América Central — é, originalmente, o porta-voz dos guetos

jamaicanos que surgiu como canto de resistência e de denúncia, principalmente, das injustiças sociais.

Com sua expansão para outras partes do mundo, o *reggae* foi se modificando e se enriquecendo com as diferenças e especificidades que foi desenvolvendo:

Se a África é a mãe, o Brasil e a Jamaica são filhos pródigos do ritmo. Chicotes e tambores duelaram aqui e ali, até que um belo dia, o estalido saiu de tom e o ritmo seguiu em frente, livre e sem amarras. E nasceram as diferenças, saudáveis e robustas. (ALBUQUERQUE, 1997, p. 147).

Nesse movimento de expansão, o *reggae* chegou à capital São Luís do Maranhão, onde obviamente também desenvolveu algumas particularidades:

Tanto na incorporação desse ritmo pela cultura jamaicana atual, inspirada também em tradições africanas, como na expansão para outras partes do mundo, inclusive para o Maranhão, foram-lhe acrescidos outros conteúdos outra dimensão. (SILVA, 1995, p. 116).

Estudos afirmam que a consolidação desse ritmo em São Luís — atualmente mais conhecida como *A Jamaica Brasileira* ou *A Capital Brasileira do Reggae* — e em outros municípios do Maranhão, deu-se pela familiaridade de afrodescendentes, de baixa renda e escolaridade, com ritmos caribenhos; pela identificação sócio-racial de São Luís com a Jamaica; pela semelhança do *reggae* com ritmos da cultura local (dança do lelê, o bumba-meu-boi, o tambor de crioula) e, sobretudo, pelo fato do *reggae* ter se tornado uma importante fonte de lazer acessível às classes marginalizadas. (cf. SILVA, 1995).

O amplo espaço conquistado na Ilha, nos últimos anos, por esse ritmo/movimento, na televisão e no rádio — em diferentes canais e emissoras —, na internet, nos jornais, nas lojas de cd e de roupas em São Luís, a vasta produção local desse ritmo por cantores e compositores como Beto Pereira, César Nascimento, Gerude,

Jorge Tadeu, Tony Tavares, Célia Sampaio, Zé Lopes, Dub Brown e por bandas como Tribo de Jah, Filhos de Jah, Legenda, Guetos, Reprise, bem como o fato de alguns cantores jamaicanos terem se radicado nessa capital (Norris Cole, Bill Cambell), confirmam seu enraizamento não só no lazer como também na cultura, na economia e no turismo maranhenses. (cf. SANTOS, 2005).

Corroboram também a importância do *reggae* no Maranhão, as especificidades, por exemplo, lingüísticas, que esse movimento desenvolveu sobretudo na capital maranhense, para atender à demanda de sua (re)organização e expansão. (cf. ALBUQUERQUE, 1997). Portanto, levando o grito negro de protesto, autodefesa e liberdade, o *reggae*, com seus acordes sedutores, foi sendo redefinido e ressignificado pela/na *Jamaica Brasileira* .

Assim, o *reggae* foi desencadeando, no Estado, uma grande rede de trabalho que constitui, atualmente, o que se está denominando de indústria do *reggae* maranhense, composta por produtoras e gravadoras musicais, lojistas (*cd*, roupas), bandas, cantores, dançarinos, apreciadores, colecionadores e pesquisadores, donos de casas, clubes, bares e radiolas, produtores de eventos festivos e mídia, apresentadores de programas de rádio e televisão, *dj*, produtores artesanais e têxteis, associações, ONGs e conselhos.

As atividades desenvolvidas pela equipe de pesquisadores do Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão/Vertente *Reggae* — que pesquisa a presença do *reggae* no português falado no Maranhão — possibilitaram, inicialmente, a compreensão/confirmação de que o aspecto semântico-lexical do *reggae*, no Maranhão, é bastante expressivo e especializado. Tal constatação motivou a elaboração do *Questionário semântico-lexical do reggae — QSL/Reggae*, usado nos inquéritos

realizados para a produção do Atlas Lingüístico do Maranhão, bem como a realização, atualmente, de um estudo socioterminológico do movimento reggae ludovicense.

Por fim, ratificando a importância do *reggae* para a cultura, o turismo, o lazer e a economia maranhenses, há trabalhos como o de Silva (1995), Albuquerque (1997), e alguns outros, mais especificamente sobre a linguagem regueira no Maranhão, como os de Nava (1995), Araújo (2003), Santos (2005) e (2006).

TERMINOLOGIA: fundamentos e perspectivas

Na contramão de um mundo altamente segmentado pela multiplicidade de especializações de saberes e diversidades culturais, isto é, pela acelerada produção e difusão de conhecimentos culturais e profissionais especializados, está a necessidade cada vez mais acentuada de intercâmbio tecnológico, científico e cultural entre os seres humanos:

Eis por que o léxico das línguas vivas usadas pelas sociedades civilizadas vive hoje um processo de expansão permanente. No mundo contemporâneo sobretudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico e científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem com da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações. (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Em função dessa intensificação das relações socioculturais e profissionais, exigida por uma sociedade fragmentada, mas que se projeta cada vez mais globalizada, decorre a crescente importância, no cenário de investigação da linguagem humana, do campo de estudos responsável por repertoriar, sistematizar, registrar, comparar e divulgar, em dicionários, glossários e bases de dados, as especificidades lingüísticas

resultantes dessas especializações de saberes científicos, tecnológicos e culturais — a Terminologia.

Assim, esse campo de estudos sobre as comunicações especializadas — aquelas que “espelham práticas comunicativas de determinadas áreas de conhecimento, que são fruto de uma linguagem especializada, compartilhada por um grupo profissional que se expressa de um modo pré-convencionado e culturalmente estabelecido.” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 8) — tem se mostrado, de fato, bastante promissor e vital para o cenário das investigações sobre a linguagem humana, afinal a

funcionalidade operada pelo léxico especializado na transmissão de conhecimentos, na transferência de aparatos tecnológicos, bem como nas relações contratuais faz com que, cada vez mais, a Terminologia assuma relevância na e para a sociedade atual, cujos paradigmas de desenvolvimento estão intimamente relacionados ao processo de economia globalizada e ao acelerado desenvolvimento científico e tecnológico. Alinham-se, no mesmo paradigma, a organização e a divulgação da informação. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 18).

Num momento mais atual, a Terminologia tem se caracterizado por observar a linguagem em uso e, como consequência, tem se preocupado em observar o uso estabelecido pela fala, bem como as variações terminológicas que podem existir numa comunicação especializada, passando a levar em consideração as contribuições da Sociolinguística, da Tradutologia, da Filosofia, da Etnografia, bem como as oferecidas pelas teorias do texto e do discurso para explicar alguns fenômenos da linguagem humana.

Assim, embora o termo terminologia tenha sido, numa primeira fase, restritamente associado “às chamadas comunicações especializadas, as quais são tradicionalmente associadas à redação de artigos científicos, teses, resenhas, manuais, textos especializados em geral.” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 16), no momento mais atual, compreende-se que, também através da oralidade,

desenvolvem-se intercâmbios comunicativos entre especialistas de um mesmo campo de atuação e interesse. Como esse tipo de comunicação especializada possui determinadas particularidades, como precisão, objetividade e o uso sistemático de termos técnico científicos, costuma também ser identificada como língua para fins específicos (*language for Specific Purposes*, LSP), tecnoleto, língua de especialidade entre outras denominações. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 16).

Como consequência da relevância social dada ao fenômeno terminológico, a perspectiva lexical cedeu espaço a uma perspectiva textual. Como enfatiza Cabré (1993), com a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), passou-se a reconhecer que, pelo fato do léxico especializado estar sujeito a variações como a polissemia e a ambigüidade, este deve ser analisado nos contextos comunicativos em que ocorre. Assim,

se constata uma concretização nos estudos e aplicações que levam em consideração a interrelação dos léxicos terminológicos com os contextos comunicativos em que se materializam. Mesmo que de forma ainda dispersa, essas novas pesquisas terminológicas, na busca da apreensão da constituição e do funcionamento das terminologias, têm se valido do alcance explicativo dos fenômenos da linguagem, oferecido pelas teorias do texto e do discurso. (KRIEGER, 2000, p. 222).

De modo especial, no

percurso de renovação dos estudos terminológicos, cabe destacar as proposições em favor de uma socioterminologia, formuladas por Gaudin a partir da crítica à política normalizadora conferida ao manejo internacional da terminologia. (...) Por esse caminho, Gaudin propõe que a inoperância e o artificialismo do ideal normalizador para a produção terminográfica sejam suplantados pelo exame do contexto de produção dos léxicos especializados. (KRIEGER, 2000, p. 221).

Muitos estudos têm sido feitos, no Brasil e no mundo, para investigar, de um ponto de vista sociocultural, o léxico particular ou as terminologias específicas de uma área. No caso das terminologias mais especificamente maranhenses, Cardoso (2004) e Assunção (2004), entre outros, pesquisaram, por exemplo, a existência e relevância da linguagem do bumba-meu-boi no Maranhão.

Uma vez que atualmente a Terminologia não se restringe às áreas de conhecimento técnico e científico, mas abrange qualquer área, incluindo as culturais, em que se desenvolva um esforço laboral através, também, da oralidade, e que se consideram os aspectos discursivos, acredita-se que seja pertinente a realização de uma investigação cujo foco seja certificar que a linguagem regueira ludovicense constitui uma linguagem especializada e que, portanto, é composta por um conjunto de termos especializados, concebendo-se termo como

uma unidade léxica real pertencente a um sistema estruturado ideativamente, e mesmo por formar um subconjunto conceitual de uma especialidade respeita as regras de formação fonológica e morfossintática da língua comum para a construção do discurso específico da área. Por ser unidade semântico-pragmática, o termo está sempre ligado a contextos específicos de emprego e possui em sua noção elementos que identificam sua natureza e seu fim. (SAGER, 1990, apud FARIAS, 2006, p. 51).

A TERMINOLOGIA DO *REGGAE* MARANHENSE

Como, atualmente, os estudos terminológicos abrangem os aspectos discursivos e as razões socioculturais de uma língua de especialidade, é salutar que uma investigação sobre a linguagem especializada do *reggae* ludovicense considere os postulados teóricos da Socioterminologia, construídos por Gaudin, Gambier, Boulanger, entre outros, são fundamentais, já que levam em consideração o uso dos termos e situam a comunicação especializada em seu lugar social. (cf, BARROS, 2004).

No Maranhão, as pesquisas realizadas pela equipe de pesquisadores e auxiliares de pesquisa do Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão — ALiMA/vertente *Reggae* permitiram constatar a existência de uma terminologia específica do movimento regueiro ludovicense usada para a efetivação das relações socioculturais e profissionais

que se estabelecem nesse movimento e para a formação do português falado no Maranhão.

Como a linguagem especializada do movimento regueiro é predominantemente oral, entrevistas formais e informais gravadas em áudio com pessoas pertencentes ao universo regueiro de São Luís (radioleiros, proprietários de casas, clubes e bares, produtores de festas e eventos, *dj*, apresentadores de programas de televisão e rádio, colecionadores e cantores, entre outros); gravações, em *md* e *VHS*, de programas de *reggae* na televisão e no rádio, bem como a participação regular nas festas de *reggae*, além de consultas a *sites*, jornais, ofereceram os subsídios necessário para a compreensão de que o universo semântico-lexical do *reggae* ludovicense é muito amplo e freqüentemente revitalizado, ressignificado. (cf. SANTOS, 2005, 2006).

Tal percepção também permitiu constatar que a terminologia regueira é usada e compreendida em contextos específicos que revelam a ambiência física, as práticas sociais, econômicas e culturais do ritmo/movimento no Estado (cf. ARAÚJO, 2003), o que confirma que

a terminologia pressupõe uma teoria da referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código lingüístico correspondente. Especificando, melhor: a Terminologia deve estabelecer uma relação entre a estrutura conceptual e a estrutura léxica dessa língua. (BIDERMAN, 2001, p. 17).

Assim, ainda que num momento inicial, partindo-se da compreensão dos conceitos para a definição dos termos, percebeu-se que, no movimento *reggae* maranhense, o conjunto de equipamentos de som responsável pela vitalidade das festas é denominado *radiola* ou *aparelho*. É nela que *rola a seqüência*, ou seja, a série de *reggaes* selecionados pelo *dj* e executados um após o outro. É na *radiola* que toca *pedra*, a *pedrada*, o *murro*, a *varada*, a *pancada*, a *tijolada*, a *chicotada*, a *pedra de*

responsa, a pedra preciosa, o choque, a banda, a chinelada; enfim, é nela que rola um reggae muito bom, envolvente, bonito.

Se rolou uma *pedra* muito antiga, rolou um *reggae barba branca, do arquivo secreto, uma pedra do passado, uma pedra que marcou época*. O disco de vinil é a *bolachinha* ou o *bolachão*.

O dono da *radiola* é o *radioleiro*; *paredão* ou *colunas* é o conjunto de caixas de som das festas; o *dj* anima o regueiro com as expressões *chega junto, agitando na manha, pira doido, tu é doido*. Quando a *radiola* tem um som de qualidade, *bate bem, bate muito*. Se o clube encheu, *derramou, inflamou, bamburrou, esborrou, rolhou, bombou*.

Saber dançar *reggae* é saber *quebrar*, saber *marcar*. Uma regueira bonita, sensual é um *disco legal*, é uma *gata massa*, é uma *pedra*. Se algum regueiro se interessar por ela dirá: *essa cabe na minha pontuação*. O regueiro bem informado é *inteirado*, e o bem arrumado *tá no pano*, é o *estiloso*, o *invocado*.

Colocar uma vinheta ou um prefixo na música é *carimbar a música, queimar a música*; quem corta ou carimba a música é o *cirurgião, o boqueiro, o tesoura*.

A maconha é a *diamba, a ganja, a pernambucana, titichong, chong, besteira, coisa, unzinho, baseado, verdinha, marijuana, dólar, xuxa, chila, fino, eva, erva, a doida, a natural, fumo, mato, bagulho*. Fumar maconha é *apertar, fazer a cabeça*. Alguém que fumou maconha está *chilado, ligado, com a cabeça feita*.

A turma envolvida e que faz o *reggae* é a *massa regueira, a nação regueira, a galera das pedras*.

Pelo acima exposto, confirma-se que, como afirma Biderman (2001, p. 18), “o uso de um termo específico (...) pressupõe o conhecimento da configuração [do]

espaço conceptual e o papel e o lugar desse termo nesse sistema estruturado do conhecimento.”

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Numa sociedade que exige cada vez mais a intensificação das situações de interação que, por sua vez, exigem, muitas vezes, um certo domínio das linguagens especializadas, é, de fato, relevante a realização de um estudo socioterminológico do movimento regueiro, no município de São Luís/MA, considerando os segmentos que estruturam atualmente esse movimento na capital maranhense.

Como a terminologia do *reggae* ludovicense efetiva-se predominantemente através da fala, não tendo registros sistemáticos nos dicionários de língua geral ou nos regionais, locais, a mesma precisa ser organizada, por exemplo, num glossário que atenda às exigências do momento atual dos estudos terminológicos, ou seja, que contemple a perspectiva pragmática-textual-discursiva e que possibilite sua divulgação, registro, preservação, recuperação.

Assim, um estudo socioterminológico sobre esse movimento prestará um importante serviço à comunidade de regueiros, terminógrafos, lexicógrafos, etnógrafos, tradutores, pesquisadores, docentes e alunos do curso de Letras e cursos afins, e a todos os que se interessam pelo estudo do léxico, especialmente, pela terminologia do *reggae*, pois possibilitará uma maior compreensão de certas particularidades da diversidade do Português falado no Brasil e, em especial, no Maranhão, contribuindo para a ampliação das investigações sobre as especificidades do falar maranhense desenvolvidas pelo Projeto ALiMA.

Possibilitando a divulgação e compreensão da terminologia do movimento *reggae* ludovicense, tal estudo contribuirá, ainda, para o combate ao preconceito lingüístico existente em relação á linguagem do movimento regueiro no Maranhão, fornecendo informações relevantes para o redimensionamento do ensino de língua materna no Estado e para a produção de materiais didáticos que, realmente, contemplem a realidade lingüística do Maranhão.

Além de tudo o que já foi exposto, o produto dessa pesquisa — o glossário — pode, futuramente, incentivar a realização de trabalhos que, numa perspectiva mais ampla, investiguem a terminologia do *reggae* no Brasil, levando em consideração a maranhense, bem como a constituição de um banco de dados da terminologia regueira no Brasil, bem como figurar em dicionários gerais, regionais, locais, efetivando sua contribuição para a valorização e continuação dos estudos do fenômeno terminológico empreendidos no Brasil e no mundo.

Para a efetivação de tais propósitos, contudo, além da revisão e ampliação dos instrumentos de pesquisa utilizados — as entrevistas — para a expansão da quantidade de termos da terminologia regueira, mais ampla conceituação e para um melhor delineamento da constituição da nomenclatura, se definirá, a partir de agora, os componentes estruturais que comporão o glossário especializado do *reggae* ludovicense.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção Ouvido Musical).

ARAÚJO, Elaine Peixoto. **O reggae ludovicense**: uma leitura do seu sistema lexical. São Luís, 2003. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2003.

ASSUNÇÃO, Deline Maria Fonseca. **Organização discursiva da festa do bumba-meu-boi do Maranhão**. 2004. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.1. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

CABRÉ, María Tereza. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida. 1993.

CARDOSO, Albelita Lourdes Monteiro. **Vocabulário do bumba-meu-boi do Maranhão**: uma abordagem lexicográfica e terminológica. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FARIAS, Emília Maria Peixoto. Linguagem da moda no Português Contemporâneo. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. In: **Tópicos em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. ARAGÃO, M. do Socorro Silva de; PONTES, Antonio Luciano; FARIAS, Emília Maria Peixoto.(Orgs.). Fortaleza: UFC, 2006. 1 CD-ROM, p. 12-139.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.

_____; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

NAVA, Sergiliana Barbosa. **Estudo sociolingüístico da comunidade regueira ludovicense**. 1995. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1995.

SAGER, Juan C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología**. Madrid: Fundación G.S. Ruipérez. 1990.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. A linguagem do *reggae* no Maranhão: um espaço de estereótipos e de preconceito lingüístico. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; ROCHA, Maria de Fátima Sopas; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. (Orgs.). **A diversidade do português falado no Maranhão**: o Atlas Lingüístico do Maranhão em foco. São Luís: Edufma, 2006. p. 68-79.

_____. Educação de jovens e adultos: o espaço do *reggae* no universo plural de normas lingüísticas no interior do português brasileiro. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; ROCHA, Maria de Fátima Sopas; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. (Orgs.). **O português falado no Maranhão: estudos preliminares**. São Luís: Edufma, 2005, p. 67-83.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 1995.